

6. ANÁLISE DA *DAIRESIS* COMO MÉTODO

6.1) A importância histórica do método.

Não são de pouco peso as palavras que Platão usa para falar da importância do método das divisões em seus diálogos. No *Fedro* (265d), Sócrates diz que a *diairesis* torna “claro” e “consistente” o discurso; diz também ser “muito amigo desta maneira de compor e decompor as idéias”, que é “a melhor maneira de aprender a falar e a pensar” (266b); por fim, faz a famosa afirmação que identifica as divisões à própria arte dialética, e afirma, não sem certa dramaticidade, que segue o bom manejador das divisões por onde quer que ele vá (266b, tradução de Jorge Paleikat):

Sócrates: E quando me convenço de que alguém é capaz de aprender ao mesmo tempo o conjunto e os detalhes de um objeto, sigo esse homem como se caminhasse nas pegadas de um deus. E aos que têm esse talento – deus sabe se tenho razão em assim falar – sempre chamei de “dialéticos”.

Em seguida, contrasta a dialética, aqui identificada com a *diairesis* como o método filosófico por excelência, com a retórica de Lísias e do próprio Fedro (266b ss). O domínio das divisões é pois o traço distintivo do filósofo e o que o separa dos meros produtores de belos discursos; é o que separa a busca da verdade da simples persuasão.

As palavras escolhidas no *Sofista* não são menos assertivas. Em 253c-254b, ao falar sobre a necessidade de um método capaz de distinguir mesmidades e alteridades, e ao novamente descrever o método das divisões, o Estrangeiro assente com a afirmação de Teeteto segundo a qual essa é a “suprema ciência”; afirma ser ela “a ciência dos homens livres”, aquela própria dos filósofos; afirma serem as divisões a “obra da ciência dialética”; diz que tal maestria não se atribui “a nenhum outro, acredito, senão àquele que filosofa em toda pureza e justiça”, cujos raciocínios “à forma do ser se dirigem perpetuamente”. Se ele é difícil de ser encontrado, é porque “os olhos da alma vulgar não suportam, com persistência, a contemplação das coisas divinas”.

Essa pequena coleção de vindicações ao método das divisões, não exaustiva mas, creio, suficiente, é aqui apresentada sobretudo com o propósito de mostrar a

ênfase que Platão dá à sua importância – importância já contestada por alguns comentadores (RYLE: 1965). Além do enaltecimento exacerbado do método e daquele que o domina, a importância da *diairesis* resta também evidente se levarmos em conta o esmero que Platão devota a ensinar por exemplos os procedimentos da divisão. São dois diálogos, o *Sofista* e o *Político*, dedicados quase que exclusivamente a demonstrar o modo de utilização do método e seus fundamentos ontológicos e lingüísticos. Que o propósito dessas obras é o de treinar o discípulo nessa arte, afirma-o o próprio Estrangeiro de Eléia (*Político* 285c-d, tradução de Jorge Paleikat e João Cruz Costa):

Estrangeiro: Supõe que nos proponham a seguinte questão: nas classes onde se aprende a ler, quando se pergunta a alguém de que letras é formada esta ou aquela palavra, fazemo-lo com o intuito de levá-lo a resolver esse problema particular ou com o intuito de torná-lo mais apto a resolver todos os problemas gramaticais possíveis?

Jovem Sócrates: Todos os problemas possíveis, evidentemente.

Estrangeiro: Que diremos, então, de nossa pesquisa sobre o político? É ela ditada diretamente pelo interesse que nos inspira, ou existe para nos tornar melhores dialéticos a propósito de todos os assuntos possíveis?

Jovem Sócrates: Aqui, ainda, evidentemente para a formação geral.

Tal zelo devotado aos leitores não seria certamente negligenciado aos discípulos próximos. De fato, são abundantes os registros de que a *diairesis* era uma das principais ocupações intelectuais da Academia platônica. Diógenes Laércio menciona três tratados sobre o método escritos por Espeusipo¹, sucessor de Platão à frente da escola, e também estudos sobre o tema deixados por Xenócrates e Teofrasto (Diog. Laert. 4.5). O próprio Aristóteles é herdeiro das divisões: ele as adota criticamente e produz uma versão aperfeiçoada como meio de obter definições: os *Analíticos posteriores* 2.13 é uma seção dedicada à teoria das definições e trata de regras para um bom procedimento diairético, discutindo inclusive as regras divisórias de Espeusipo²; o capítulo 12 do Livro Z da *Metafísica* é também ele uma teoria própria das divisões que pretende corrigir e aperfeiçoar a de Platão³.

¹ Diz Cherniss (1946, p. 42): “for Speusippus, however, the essential nature of each thing is identical with the complex of all its relations to all other things, so that the content of existence is nothing but the whole network of relations itself, plotted out in an universal diaretical [sc. divisional] scheme.”

² Ver FALCON: 2000.

³ Para uma análise da absorção crítica do método das divisões por Aristóteles, ver HANKINSON: 1996.

Tão importante quanto esses documentos internos são alguns testemunhos exteriores ao mundo da Academia. Entre eles, mencione-se um fragmento de uma comédia de Epícrates preservado por Atheneus⁴, em que os acadêmicos Platão, Espeusipo e Menedemo são retratados no exercício de classificar diaireticamente uma moranga. Tal testemunho cômico, juntamente com a famosa anedota de Diógenes Laércio e sua galinha depenada para ridicularizar a definição do homem como “bípede implume”, nos dá uma idéia da maneira como a imagem popular da Academia estava intimamente associada a esse método, que de fato devia soar um tanto extravagante aos ouvidos do vulgo. Para seus contemporâneos, os acadêmicos pareciam em grande medida ser “os homens que dividiam”. Tais considerações são suficientes para atestar a relevância do presente objeto de estudos nos meios filosóficos e intelectuais da Atenas do séc. V, relevância esta atribuída por Platão e seus discípulos e também percebida por observadores externos.

6.2) Um inventário teórico a partir dos diálogos⁵.

Façamos agora um pequeno inventário das descrições teóricas do método das divisões apresentado no texto dos diálogos platônicos. O propósito é o de recolher todas as instruções dispersas nas obras de maneira a articulá-las conjuntamente e obter uma descrição ordenada e hierarquizada dos procedimentos propostos por Platão. Isso nos permitirá obter uma visão geral do propósito do filósofo ao apresentar sua última proposta dialética, e permitirá também que se faça um cotejamento com os exemplos dados na aplicação concreta do método, especialmente no *Sofista* e no *Político*, de maneira a esclarecer os pontos vagos ou obscuros.

⁴ 2.59d-f; T. Kock, *Comicorum Atticorum Fragmenta* 2, fr. 11, 287, *apud* FALCON: 2000.

⁵ Levaremos em consideração, aqui e nas demais análises da *diairesis*, os trechos práticos e teóricos presentes nos diálogos *Fedro*, *Sofista* e *Político*, e deliberadamente não será mencionado o método apresentado no *Filebo*. Mary Louise Gill, em seu artigo *The divine method in Plato's Philebus*, defende tratar-se de um método diferente. Gosling (1975) mapeia as possíveis interpretações da passagem metodológica do *Filebo* e levanta os problemas que existem em considerar o procedimento ali apresentado como a mesma *diairesis* dos diálogos anteriores. Como se trata de questão controversa, e como as passagens contidas nas obras arroladas são suficientes para uma caracterização tanto do método quanto de suas implicações ontológicas, fez-se a opção por não ir além delas.

Conforme já vimos, o primeiro relato teórico do método é feito no *Fedro*, no passo 265d-266b (trad. Jorge Paleikat), que reproduzimos abaixo:

Fedro: E quais são esses processos?

Sócrates: O primeiro é este: é abarcar num só golpe de vista todas as idéias esparsas de um lado e de outro e reuni-las em uma só idéia geral [$\epsilon\mu\alpha\nu\ \tau\epsilon\ \delta\alpha\nu$] a fim de poder compreender, graças a uma definição [$\rho\iota\zeta\mu\epsilon\nu\omicron\varsigma$] exata, o assunto que se deseja tratar. Assim foi que ainda há pouco demos do amor uma definição que podia ser boa ou má mas que ao menos serviu para trazer clareza e ordem ao nosso discurso.

Fedro: Mas qual é o outro processo?

Sócrates: É saber dividir novamente a idéia geral nos seus elementos, nas suas articulações naturais, evitando, porém, mutilar qualquer dos elementos primitivos como faz um mau trinchador. Os nossos dois discursos de há pouco, apresentaram, primeiro, como vimos, uma idéia geral do delírio. A seguir, do mesmo modo que a unidade do nosso corpo compreende, sob o mesmo nome, os membros do lado esquerdo e os membros do lado direito, assim também esses nossos discursos fizeram derivar dessa definição geral do delírio, duas noções distintas: uma que distinguiu tudo que era errado e cumulou o amor infeliz de injúrias bem merecidas. Outra, que tomou o lado direito, certo e foi ao encontro de um outro amor, que tem o mesmo nome mas cujo princípio é divino e que, cumulando-o de elogios, o apresentou como sendo a fonte de maiores bens.

Note-se que, neste ponto, o método é referido como o das “coleções” e “divisões”. Ele é aqui descrito como um procedimento que consiste em duas fases, mas curiosamente a primeira etapa, a das coleções, passa a ser talvez um tanto negligenciada nos exemplos posteriores. O gênero mais amplo, que será dividido em subgêneros e na forma-alvo a ser definida, é normalmente intuído de maneira mais ou menos imediata. As coleções, quando feitas, são breves e pouco discutidas.

Nessa primeira apresentação teórica, é exposta e enfatizada a regra mais alta e que submeterá todas as demais regras da *diairesis*: a de respeitar as juntas naturais da realidade e não proceder como um mau trinchador. Tal regra mostra como o método das divisões, se chega a apresentar uma teoria das definições talvez um pouco mais flexível do que as anteriormente mencionadas nos diálogos, jamais chega a constituir propriamente um nominalismo. A base das classificações e distinções não será nunca o puro arbítrio humano, mas a própria realidade. Note-se também que a menção à simetria do corpo humano e de seus membros aos pares pode ser uma antecipação da regra dicotômica, mas ainda não é a sua explicitação.

O *Sofista* apresenta também algumas considerações teóricas sobre as divisões. A mais explícita e abstrata é a presente em 253d-e (trad. Jorge Paleikat e João Cruz Costa):

Estrangeiro: Aquele que assim é capaz discerne, em olhar penetrante, uma forma única desdobrada em todos os sentidos, através de uma pluralidade de formas, das quais cada uma permanece distinta; e mais: um pluralidade de formas diferentes umas das outras envolvidas exteriormente por uma forma única repartida através de pluralidade de todos e ligadas à unidade; finalmente, numerosas formas inteiramente isoladas e separadas; e assim sabe discernir, gêneros por gêneros, as associações que para cada um deles são possíveis ou impossíveis.

Aqui, como se vê, o método descrito ganha em pujança e em complexidade. Já não se trata de apenas encontrar tipos dentro de gêneros e subtipos dentro de tipos, como no *Fedro*. Segundo tal descrição, a percepção de mesmidades e alteridades traz como corolário o discernimento de uma teia de possíveis relações, uma articulação de necessidades, possibilidades e impossibilidades entre as formas. Essa tessitura havia sido logo antes aludida metaforicamente em uma comparação com a arte gramática de combinar consoantes e vogais passíveis de combinação (2522e-253c). Do ponto de vista metodológico, note-se que a coleção já é um tanto deixada de lado: é um “olhar penetrante”, alusão a uma intuição imediata (CORNFORD: 1960, p. 267), que permite enxergar a unidade da pluralidade das formas.

Outro importante trecho metodológico que é preciso levar em conta aqui é aquele presente no *Político* 262a-263c, o qual, por muito longo, não será transcrito aqui. Em síntese, o que ali se passa é que os interlocutores haviam chegado a uma divisão que estabelecia o político como parte da forma “pastor de rebanhos”; o Estrangeiro então pede que o jovem Sócrates continue a divisão, ao que este propõe dividir a forma “rebanho” em “homens” e “demais animais”, sendo o político evidentemente o “pastor de homens” (262a). O Estrangeiro mostra insatisfação com esse recorte: não se pode dividir o gênero animal em “humanos” e “demais”, pois isso seria como dividir o próprio gênero humano em “gregos” e “bárbaros” (262d), ou os números em “dez mil” e “todos os outros demais” (262d-e). É mais seguro, afirma o mestre, “proceder por partes, dividindo as metades” (262b). Diz também textualmente: “Creio que a divisão seria melhor; que seguiria às formas específicas e seria mais dicotômica se, dividindo os

números em ‘pares’ e ‘ímpares’, dividíssemos, do mesmo modo, o gênero humano em machos e fêmeas.” (262e).

Dessas correções, costumam ser retiradas duas regras: a interdição da divisão por propriedade negativa e a prescrição de divisões dicotômicas. É curioso que Aristóteles, na obra *Partes dos animais* (I, 2-3; 642b 22-23), diga que esses dois critérios se excluem mutuamente, e que divisões dicotômicas necessariamente implicam classificações negativas: “Novamente, termos privativos inevitavelmente constituem um lado da divisão dicotômica”. Ele menciona as “dicotomias publicadas”, certamente uma referência aos tratados dos acadêmicos que circulavam em seu tempo.

Seja como for, essas duas regras metodológicas merecem uma análise mais detida. Começemos pela regra dicotômica. A necessidade de proceder por metades tem sido motivo de severas críticas à *diairesis* desde os tempos antigos até o os nossos dias (RYLE: 1965 e GILL: 2008). Para compreendermos melhor o alcance e a força dessa prescrição, é preciso analisar mais cuidadosamente as instruções passadas pelo Estrangeiro. Depois de recomendar o procedimento dicotômico com expressões como “é mais seguro” (262b) e “melhor seguiria às formas específicas” (262e), ele complementa com a instrução: “e se nos decidíssemos a não separar nem caracterizar, relativamente aos demais, os Lídios, os Frígios, ou outras unidades senão quando já não fosse mais possível obter uma divisão em que cada um dos termos seria, ao mesmo tempo, gênero e parte” (262e-263a). Apresenta-se aqui uma distinção entre “gênero” e “parte” que o Estrangeiro se recusa a explicar de pronto (263c), limitando-se a esclarecer que uma mesma espécie pode ser parte daquilo de que é espécie e espécie de suas próprias partes. De toda forma, essa instrução parece dizer que a última divisão, quando as formas divididas forem apenas parte e não gênero de mais nada, pode não ser dicotômica. Mais adiante, durante a *diairesis* da arte da tecelagem, apresentada como paradigma, o Estrangeiro afirma (287b-c):

“Sabes que é difícil dividi-las em duas? (...) Sendo impossível a divisão em duas, temos que dividi-las membro a membro, como a uma vítima. Pois é necessário sempre dividir no menor número de partes possível.”

Com razão Ackrill (1970) ponderou que, feita essa atenuação, a regra em sua inteireza pode simplesmente ser compreendida como um critério de economia:

sempre que possível, dividir em metades, número mínimo de partes em que se pode dividir um todo; quando isso não for viável, buscar o mais próximo disso possível. Seja qual for o caso, a regra da quantidade das partes divididas estará sempre submetida à regra hierarquicamente superior apresentada no *Fedro*: respeitar as juntas naturais e jamais proceder como um açougueiro inábil. É bem verdade que os próprios discípulos de Platão parecem ter levado mais ao pé da letra o imperativo dicotômico (TARÁN: 1981, pp. 65-66); e no entanto, conforme foi visto, não é isso o que diz o próprio texto de Platão.

As classificações negativas constituem todo um problema à parte. Vimos como parece ser intenção do Estrangeiro interdita-las na passagem em que trata de “gregos” e “bárbaros” e da hipotética distinção entre o número “dez mil” e “todos os demais”. Mas mesmo um leitor desatento notaria que, nas divisões que se seguem, mais de uma classificação negativa é feita: animais com chifres e sem chifres (265c), os que se procriam por cruzamento e os demais (265e), os com penas e os implumes (266e). E esses não são os únicos exemplos nas divisões platônicas (citemos de passagem a dos objetos de captura, discernidos entre animados e inanimados, em *Sofista* 220a).

Mary Louise Gill (2008) chama atenção para o fato de que as divisões privativas estão inteiramente de acordo com aquilo que havia sido estabelecido no *Sofista* (isto é, poucas horas antes, do ponto de vista dramático) a respeito das proposições negativas. Segundo ali se discutiu, uma negação não significa o oposto do termo negado, mas algo diferente dele dentro de um certo domínio (o gênero que os abarca); a classificação não-belo não delimita o oposto do belo, mas o outro do belo (257c-258c). Ambos, o belo e o não-belo, são igualmente seres (257e), e o não-belo é *uma forma* com uma natureza própria (258b-c). Dessa maneira, “bárbaro” e “os demais números que não dez mil” poderiam ser consideradas formas no *Sofista*.

Sob certo aspecto, concorda com essa idéia a objeção feita por Aristóteles às prescrições de Espeusipo, que exigia que as divisões exaurissem, em um gênero, todas as espécies antes de prosseguir (*Análíticos Posteriores* 2-13). Bastaria, diz Aristóteles, isolar a espécie que concerne à investigação e ignorar as que não são pertinentes⁶. De fato, o próprio Estrangeiro não parece se preocupar em ser

⁶ Para uma detalhada análise das discordâncias entre Espeusipo e Aristóteles quanto ao método das divisões, ver FALCON: 2000.

exaustivo na distinção das espécies internas de um gênero antes de dar prosseguimento às divisões, e isso mesmo quando as espécies são positivamente delimitadas. Um exemplo bastante claro disso é a divisão das artes no diálogo *Sofista*: inicialmente dividida entre as “produtivas” e “aquisitivas” (219a-c), distinção que vai servir às cinco primeiras definições do sofista, ela é mais tarde, na sexta definição, acrescida de uma nova espécie, a “arte da separação” (226c). Como não há menção de corrigir a divisão anterior, que aliás voltará a ser usada na sétima definição, é razoável supor que o método não exige a divisão exaustiva de cada gênero.

Anotadas tais observações, ganha força a ponderação de Moravcsik (1971, pp. 163-164), segundo a qual o trecho destacado do *Político* não pretende interditar as classificações privativas, mas apenas orientar o dialético a procurar as juntas naturais, positivas ou negativas, sem que haja um critério ou procedimento padronizado que o faça perceber onde essas juntas estão.

6.3) Descrição sucinta do método a partir do inventário teórico.

Lapidadas todas as instruções e feitas as observações acima, é possível descrever sucintamente o método das divisões, tal como exposto no *Fedro*, no *Sofista* e no *Político*. Antes de mais nada, está claro que o propósito do método é o de definir uma forma específica, propósito esse que se articula de maneira evidente com a pergunta dos primeiros diálogos – “o que é x?” – e com a teoria das idéias das obras da maturidade⁷. O método chega a tal definição pelo expediente de alcançar o termo de uma ramificação do tipo gênero/espécie que pretende reproduzir as articulações ontológicas do real. Um procedimento inicial coleciona sob uma única forma uma série de tipos diversos que tenham algum traço característico em comum. O estabelecimento dessa forma generalizante parece ser mais ou menos arbitrário, uma noção comum e imediatamente

⁷ No capítulo “The nature of Socratic definition” do livro *Socrates* (1971), Guthrie chama atenção para o fato de que as definições dos primeiros diálogos, sendo definições de noções éticas – coragem, justiça, virtude –, têm sempre um caráter valorativo, e portanto retórico. Seriam aquilo que alguns comentadores chamam “definição persuasiva”: elas teriam menos o propósito de expressar a natureza de um ente do que o de convencer o interlocutor a adotar algum comportamento. Acrescento aqui: é interessante notar como o método das divisões se presta a definições perfeitamente “neutras” do ponto de vista moral. Ainda que as definições do sofista e do político possam comportar alguma espécie de valoração, os exemplos do pescador com anzóis e da arte de tecer são suficientes para prová-lo.

compreendida por todos. Tal forma é depois dividida em subtipos mutuamente excludentes, de acordo com características comuns que as diferenciem. Articula-se então um jogo de semelhanças (que fazem desses subtipos participantes de uma mesma forma geral) e diferenças (que as separam em subtipos). As coleções podem ocorrer em qualquer ponto da divisão, como se vê pelos exemplos dados; vê-se que, no meio de uma *diairesis*, o Estrangeiro comumente se detém com o intuito de recolher ocorrências que se aglutinem como um subtipo da forma anteriormente discernida. Como exemplo, escolheremos dentre muitos o ocorrido na sexta definição do sofista (226a-c), uma vez estabelecido que partiam do gênero “arte”:

“Estrangeiro: (...) não temos nome para designar os trabalhos domésticos? (...) filtrar, peneirar, escolher, debulhar. (...) Além deles, cardar, desembaraçar, entrelaçar, e mil outros (...) É à separação que se referem todas estas palavras. (...) Assim, deduzo que há uma arte incluída em todos eles (...) A arte de separar.”

Essa forma geral é então dividida em partes, preferencialmente duas. A instrução de proceder por “juntas naturais” pode dar a entender que exista apenas uma maneira de dividir tal forma, mas os exemplos arrolados dão testemunho de algo diverso. Se no *Sofista* as artes são divididas em duas, e depois surge um terceiro subtipo, no início do *Político* o Estrangeiro propõe que comecem, como anteriormente, dividindo o conhecimento, mas *não do mesmo modo* (258b). Aqui, o conhecimento é dividido entre “prático” e “teórico”. A maneira como se recorta uma forma é escolhida pela espécie a ser definida, e as juntas da realidade parecem mais complexas do que as de um simples animal.

As divisões devem proceder separando o menor número possível de partes, segundo a regra de economia estabelecida acima. Elas podem também ser feitas com base em critérios privativos, como se vê por vários exemplos apresentados nos dois diálogos, mas devem sempre respeitar as possibilidades deixadas pela realidade. As divisões podem mesmo ser muitas, “por membros”, como num rito sacrificial (*Político* 287c), o que, ao menos nos exemplos dados, geralmente ocorre no fim das divisões (tal procedimento aparece na última divisão da arte da tecelagem e na última divisão do político, que o discerne dos demais tipos que cuidam dos homens). O método prossegue até que, por fim, se alcance a forma procurada. A definição poderá ser apresentada como uma série de qualificativos

para a forma inicial (arte “da aquisição, da troca, da troca comercial, da importação, da importação espiritual, que negocia discursos e ensinamentos relativos à virtude, eis, em seu segundo aspecto, o que é a sofística”, *Sofista* 224c-d), ou de forma mais abreviada (“comerciante, por atacado, das ciências relativas à alma”, *Sofista* 231d); a rigor, como veremos a seguir, pouco importa o nome dado à forma delimitada.

6.4) A *diáresis* como articulação final de todos os métodos de Platão.

Se o método adotado por um filósofo é sempre um ponto fundamental na análise da sua obra, na filosofia platônica esse assunto é especialmente decisivo. Não se pode jamais esquecer que o autor da *República* fez uma clara opção pelos diálogos, e não por tratados expositivos, como forma literária e veículo do seu pensamento. E, se o fez, é porque manifestamente pretendia registrar e exibir os processos de aquisição do conhecimento, e não simplesmente transmitir conteúdos doutrinários. Observar cuidadosamente o processo de investigação, desde o levantamento dos problemas até a proposição e análise das soluções, é absolutamente imprescindível; abster-se de fazê-lo é desrespeitar frontalmente as escolhas feitas pelo próprio Platão. Aliás, tão somente a multiplicidade das doutrinas apresentadas ao longo dos diálogos – a variedade de mitos escatológicos, as muitas contradições na caracterização da teoria das formas, a constância com que teses são adotadas e abandonadas – deveria servir como pista dessa grande obviedade: a de que Platão quer ensinar seu leitor e discípulo a pensar, e não meter-lhe idéias na cabeça.

É também por essa razão que é especialmente meritória e rica em possibilidades a proposta de Richard Robinson, apresentada em seu clássico *Plato's early dialectics* (1966), de dividir a obra platônica pelos métodos utilizados. Dividir a obra, contudo, não é o suficiente; seria preciso empreender um minucioso trabalho de análise desses métodos e de seus propósitos, e também da relação que uns têm com os outros. Em seu livro, Robinson chega a realizar esse trabalho com o método do *elenchus* e com o método das hipóteses, e argutamente faz ver que este último é um tipo especial daquele: não é possível trabalhar com hipóteses sem igualmente trabalhar com refutação e com o

constante propósito de testar os limites e as resistências das teses levantadas (p. 177). O próprio título da obra anuncia que o estudo dos métodos platônicos não irá até os escritos da última fase, e se deterá nos últimos diálogos da maturidade. Assim, ali nada se diz a respeito da articulação desses dois métodos com a *diairesis*.

O propósito desta seção é o de apresentar uma proposta de complementar esse trabalho, sucintamente mostrando que o método das divisões é como que a culminação desse processo; ele não substitui o *elenchus* e as hipóteses, mas antes os supõe, os articula e os complementa. Ao fim e ao cabo, poderemos concluir que Platão não desenvolveu três métodos distintos, mas apenas um método tornado gradualmente mais e mais complexo, método este que passa a envolver diversos procedimentos intelectuais distintos. Com isso, poderemos chegar mais perto de um sentido unitário para o termo “dialética”, que, conforme apontou o próprio Robinson (*idem*, p. 52), apesar de se revestir de significados diversos ao longo da obra platônica, parece sempre ser o nome dado a qual fosse o meio utilizado no momento para chegar às essências imutáveis.

Vimos nas primeiras páginas deste trabalho que o método do *elenchus* se associa aos primeiros diálogos platônicos e à pergunta “o que é x?”. O procedimento refutativo não tem como propósito chegar a uma resposta para a questão, mas simplesmente o de pôr à prova as crenças do interlocutor, expondo suas fragilidades, inconsistências e contradições. Ele não é em absoluto um método de obtenção das definições.

Já o método das hipóteses, característico dos diálogos posteriores à apresentação da teoria das formas, consiste em levantar e estabelecer temporariamente como verdadeira determinada afirmação a respeito da estrutura do real, para fins de investigação e teste de consistência. Ele envolve o *elenchus* justamente na medida em que expõe as proposições a constantes tentativas de refutação e põe à prova, da mesma maneira como acontecia nos primeiros diálogos, a consistência e a veracidade das proposições. Os dois métodos, em conjunto, formam a *pars destruens* e a *pars construens* de um mesmo processo. Curiosamente, em nenhum dos diálogos o método das hipóteses é utilizado com fins de obtenção das definições. Ele se associa à teoria das formas transcendentais, que aliás é, ela própria, apresentada como uma hipótese (*Fédon* 100b-101d); é

significativo que um novo método surja justamente no momento em que tal teoria entra em crise.

O método das divisões é apresentado no *Fedro* como o método dialético por excelência, aquele que foi responsável pelo êxito da investigação ali empreendida. A tese aqui apresentada é a de que a *diairesis* é na verdade a articulação de todos esses métodos, mas já com o propósito específico de encontrar as definições buscadas desde os primeiros diálogos. Dessa maneira, ele é uma espécie de culminação de todo o projeto filosófico socrático-platônico; é o recurso pelo qual a grande questão *tí estin*; pode finalmente ser respondida.

Vejam os. O método das divisões é uma maneira de articular proposições encadeadas, de modo a torná-las mais e mais restritivas. Concatenadas entre si, elas formam uma série apofântica de afirmações sobre a realidade, que aos poucos delimitam o objeto estudado. Para chegarmos a uma definição como “o sofista é um caçador de jovens ricos”, foi preciso encadearmos uma série de proposições como “a caça é uma arte aquisitiva” e “a arte aquisitiva é uma arte”; afirmar que “a sofística é uma caça” já implica afirmar que “a sofística é uma arte aquisitiva”, e também “uma arte” etc. Cada uma das predicções é uma delimitação no modo de ser do ente definido; cada uma restringe mais o campo em que se encontra o *definiendum*, e cada uma das divisões (isto é, das possibilidades de predicções) exige que se opte por uma delimitação onde encaixar aquilo que se investiga. E eis o que é fundamental frisar aqui: cada uma dessas predicções tem caráter hipotético. Dada uma série de tal forma encadeada de afirmações sobre a realidade, uma única hipótese derrubada põe em xeque toda a complexa teia de que resulta a definição.

De fato, é exatamente isso o que se vê acontecer com as definições de objetos de difícil análise, como os do *Sofista* e do *Político*, que só são estabelecidas depois de diversas tentativas temporariamente postas e abandonadas⁸. Depois de cinco predicções que apontavam o sofista como pertencente à região das “artes aquisitivas”, e de uma sexta que o localizava entre as “artes separativas”, finalmente a definição final é encontrada entre as “artes

⁸ Discutiremos a seguir a tese segundo a qual todas as definições do sofista são igualmente válidas por tratar-se na verdade de “caracterizações únicas” (MORAVIKSIC: 1973). Ainda que tal tese fosse verdadeira, e não cremos que seja, isso não parece invalidar a idéia de que elas são apresentadas como uma série de proposições hipotéticas.

produtivas”. Todas as sete definições são hipotéticas, e a rigor exponencialmente hipotéticas, na medida em que envolvem hipóteses sobre hipóteses. Só a sétima definição passa no teste de ter todas elas simultaneamente verificadas pelo critério “todo e apenas” – o de abarcar todos os sofistas e apenas eles. E o mesmo poderia ser observado no caso do *Político*, já que mais de uma definição é recusada no curso da investigação até que se encontre a delimitação final, tida como satisfatória.

Uma vez envolvendo e sintetizando todos os métodos desenvolvidos na filosofia socrático-platônica, não espanta pois que a *diairesis* seja a última arte a receber de Platão o nome de dialética. De fato, se dialetizar é a atividade de buscar as essências, de encontrar a unidade inteligível na multiplicidade sensível, de discernir nos entes as suas mesmidades e alteridades, aquilo que os une e o que os separa, então o método das divisões é a dialética por excelência. Com isso se chega à articulação de necessidades, possibilidades e impossibilidades (*Sofista* 235e) que constitui o núcleo ontológico dos entes, núcleo este que pode ser traduzido sob a forma de um *logos* que articule uma série de predicções compactadas.